

mudou a forma de

'Fahrenheit 451' (1966) é um clássico da sci-fi



Fotos: Divulgação



'De Repente Num Domingo' (1983) foi o canto de cisne do cineasta

ver) filmes



O suspense guia a narrativa de 'A Noiva Estava de Preto' (1968)



'Jules e Jim' (1962) também integra a mostra

lançamento do livro "Lettre Ouverte à François Truffaut", de Eric Neuheoff. É uma coletânea de artigos, em forma de cartas, nos quais o autor louva a relevância do cineasta a construção de narrativas amorosas.

Em bancas em quiosques de Paris, a "Cahiers du Cinéma", a mais prestigiada revista focada no pensamento audiovisual de todo o planeta, oferta um mimo para seus leitores – atraindo também novos públicos – de flerte com a obra de Truffaut: um dossiê com curiosidades, resenhas analíticas e

textos do mítico realizador.

"Eu me sinto parte desse grupo de cineastas para quem o cinema é um prolongamento da juventude, como se fôssemos crianças a quem mandaram brincar num canto, que reconstruíram o mundo com os brinquedos e, na idade adulta, continuam brincando com os filmes. É o que chamo de cinema do quarto dos fundos, com uma recusa da vida tal qual ela é, o mundo em seu estado real e, em reação, com uma necessidade de recriar alguma coisa que se aproxime um pouco

do conto de fadas, um pouco do cinema que nos fez sonhar quando éramos jovens", escreveu Truffaut em de seus ensaios memoriaísticos sobre uma obra cheia de êxitos, como "Jules e Jim – Uma Mulher Para Dois" (1962), "Um Só Pecado" (1964) e "Domicílio Conjugal" (1970).

As palavras, as coisas e os filmes de Truffaut: essa é a melhor forma de se entender o amor romântico nas últimas seis décadas, a partir da estreia de "Os Incompreendidos", em 4 de maio de 1959, no Festival de Cannes. O longa saiu da Croisette aclamado, coroando a fúria criativa de um jovem crítico de cinema e realizador cuja bandeira era revolucionar o cinema a partir da inclusão das sequelas sociais, morais e afetivas do tempo de contracultura que se desenhava à sua frente.

Laureado com 34 prêmios numa carreira que vai de 1955 a 1983, coroada com três indicações ao Oscar e muitos sucessos de bilheteria, Truffaut mudou a forma de se fazer e de se ver filmes a partir de um projeto estético de hemodiálise da imagem a partir de um engajamento das narrati-

vas audiovisuais com as fraturas éticas e emotivas do mundo a seu redor, modificando os dispositivos de construção do discurso cinematográfico de modo a fugir do engessamento, do classicismo. Assumiu a infância ("O garoto selvagem"), o feminino ("A mulher do lado") e o próprio ofício de cineasta ("A noite americana") como seus temas mais essenciais, passeando por gêneros diferentes, em prol da renovação da cinefilia. Repensou o papel do espectador e os deveres do contador de histórias. E, mais do que tudo, repensou o amor. Binômio vivo de arte + desejo, seu cinema nos deixou como legado a necessidade de se discutir o querer como um verbo de ação e não como de ligação com as tradições burguesas.

Diretor, produtor, roteirista, crítico e ator, Truffaut sempre entendeu o filme "como algo íntimo, como uma carta" -- como disse certa vez, em entrevista. Saiu de cena com "De Repente Num Domingo" (lançada no Festival de Locarno, em 1983), que o Estação Botafogo exibe nesta terça, às 21h.

Ao longo de sua carreira, Truffaut pintou com traços ao mesmo tempo delicados e vigorosos, o cotidiano francês. Era metódico ao extremo e, pela fama de seu perfeccionismo, era confrontado com perguntas sobre suas predileções cinéfilas múltiplas vezes. Certa vez, indagado sobre que cinema do mundo preferia, respondeu: "Para mim, o cinema não tem nacionalidade. O importante são as pessoas que fazem um bom trabalho".



'Os Incompreendidos' vendeu 4 milhões de ingressos em sua estreia comercial, depois de conquistar o prêmio de Direção no Festival de Cannes, em 1959